

PUPO, Benedito Barbosa. Campineiro, sim! Com muita honra!  
Correio Popular, Campinas, 15 fev. 1974.

# Campineiro, sim! Com muita honra!

Correio Popular

Benedito BARBOSA PUPO

15.2.74

Aos campícolas, pioneiros do povoamento de Campinas, foi dada a designação de *campineiros*, seja pelo fato de se dedicarem a trabalhos no campo, seja por habitarem o sítio conhecido então como as Campinas do Mato Grosso. A designação consagrou-se, entrando para os dicionários na categoria do gentílico, que qualifica a gente nascida em nossa terra. Um pequeno grupo de arrivistas, que outra coisa não tem feito se não poluir o ambiente cultural campineiro, entendeu de repudiar o adjetivo, cujo emprêgo Guilherme de Almeida fazia com orgulho ao declarar o local de nascimento. Considerando o *campineiro* um termo rude, plebeu, não erudito, querem impor o pedante e pretensioso *campinense*, pois a baixa condição da palavra na escala social da Gramática não condiz, dizem eles, com a importância e a dignidade de pessoas de alta posição nas Letras campineiras. Sobre tal assunto, escrevi recentemente dois artigos: "Um parecer da ABL sobre gentílicos" (7-12-73) e "A lição de eminente filólogo" (21-12-73), ambos no CORREIO POPULAR. Nesses artigos demonstrei, com o parecer da Academia Brasileira de Letras e com a opinião de grandes autoridades na Filologia, que não há razão para a substituição pretendida, mesmo porque se trata de uma usurpação de direitos adquiridos pela cidade paralbana de Campina Grande, à qual cabe o uso do gentílico *campinense*, também consagrado e dicionarizado. Assim este termo é natural para Campina Grande, mas pretensioso e pedante para Campinas, cujos filhos muito se orgulham com a designação de *campineiros*.

No segundo de meus artigos citados, transcrevi trecho da exposição do eminente filólogo carioca Sílvio Elia, que, respondendo à consulta, que lhe fizera eu, deu uma bela lição, que não foi apreendida por aqueles que têm medo da Semântica, preferindo ficar na Etimologia, atendo-se a regrinhas de gramática, não indo além da memorização de alguns prefixos ou sufixos... Após a publicação de meus citados artigos, algumas publicações surgiram por aí, abordando o assunto, sem que, entretanto, seus autores contestassem os argumentos e as provas por mim apresentadas, naqueles artigos. Ninguém, por exemplo, tocou na afirmação do prof. Sílvio Elia, referente ao sufixo *eiro*, que na opinião do eminente filólogo coisa alguma tem que o obrigue a designar profissão. Sobre a nobilitação do sufixo *eiro*, elevado à categoria de *erudito* pela Academia Brasileira de Letras e pela Academia Mineira de Letras, escreveu o prof. Sílvio Elia: "O sufixo — *eiro*, como designativo do local de nascimento, já está nobilitado desde o momento

em que todos nós o assumimos como indicativo da Pátria comum, *brasileiros*, que nos honramos de ser. Assim, também o povo de Campinas de tal forma dignificou o gentílico "campineiro", que hoje é um privilégio ostentar esse adjetivo pátrio". Como se vê, o homem dignifica a palavra, mas há também aqueles que, não passando de gralhas, querem vestir-se com penas de pavão. Na suposição de que a palavra é que vai dignificá-los, valem-se delas como as gralhas se utilizam das penas do pavão...

O problema em foco tem que ser resolvido no campo da Semântica, da qual um dos mestres no Brasil é o prof. Francisco Silveira Bueno, da Universidade de São Paulo. A ele se devem muitos trabalhos nesse campo, pouco explorado até há pouco. A primeira publicação específica feita no País, foi o pequeno livro de Pacheco Silva Júnior, sob o título "Noções de Semântica", aparecido há setenta anos. Muitos anos se passaram sem que ninguém se aventurasse a acrescentar algo de novo a essa paupérrima bibliografia. Em 1947, porém, o Prof. Silveira Bueno publicou como "Boletim", da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP um estudo ao qual deu o título de "Tratado de Semântica Geral Aplicada à Língua Portuguesa do Brasil" posteriormente lançado em segunda edição pela Editora Saraiva de São Paulo. Outras edições foram feitas — com o título de "Tratado da Semântica Brasileira" — datando a quarta que tenho em meu poder de 1965. Silveira Bueno prestou não há dúvida, com seu excelente trabalho, relevante contribuição ao estudo dos fenômenos linguísticos no Brasil. Valho-me, pois, desse magnífico livro de autoria de um dos mais renomados mestres do nosso Idioma, para, com sua judiciosa e clara exposição, levar alguma luz a certos espíritos, se puder vencer a opacidade dos mesmos.

De acôrdo com Ogden e Richards, citado-pir Silveira Bueno, um dos cânones dos símbolos é que "cada símbolo deve ter uma única referência embora esta referência possa ser complexa". Dando-se, portanto, à palavra *campinense*, gentílico referente à cidade paralbana de Campina Grande, a função de designar também os nascidos em Campinas, "haverá ambigüidade e confusão na compreensão sugerida", segundo se deduz do comentário do mestre Silveira Bueno. No simbolismo linguístico, a palavra *campineiro* está ligado a Campinas como a *campinense* está definitivamente ligada a Campina Grande, de maneira correta ou errada etimologicamente, não importa tais palavras ou símbolos estão consagradas para

cada uma das cidades, servindo como "marca de fábrica", evitando, assim, a ambiguidade e a confusão referidas pelo grande mestre da Filologia, que é Silveira Bueno.

Estudando o processo da formação da idéia da imagem que se transforma em conceito, Silveira Bueno explica muito bem as várias fases da compreensão intelectual. O mestre paulista da Filologia usou do símbolo "mesa", como exemplo, mas se o leitor substituir essa palavra pelas "campineiro" ou "campinense" verifica que aqueles que insistem na substituição do gentílico tradicional estão erradíssimos, pois não fazem outra coisa se não tentar, consciente ou inconscientemente, lançar a confusão no espírito de nossa gente. "Como muito bem escreveu Ulmann, neste trabalho psicológico da compreensão, das relações essenciais entre o *símbolo* e a *coisa simbolizada*, por exemplo, entre a palavra (*símbolo*) mesa e o móvel (a coisa simbolizada) assim denominado, há três estágios que podem ser estudados separadamente, ao menos, para fins didáticos, embora todos eles se integrem num único processo de rapidez instantânea. Temos primeiro o conjunto fonético, digamos, a parte física, material, da palavra do símbolo linguístico: m+e+s+a. Em seguida, a evocação que a palavra desperta no espírito de quem a ouve ou lê, imagem e depois idéias esquemática do móvel, sem as particularidades externas da *forma* (redonda, quadrada, triangular etc), do *tamanho* (grande, pequeno), da *côr*, etc. Este segundo estágio do processo cria no espírito do interlocutor o *significado* da palavra. Finalmente, o elemento não linguístico, exterior ao espírito, ao qual corresponde a mente do indivíduo, o objeto, o móvel *mesa* é a *coisa significada*. Assim, o *significante*, (a palavra, o símbolo, o sinal linguístico), o *significado*, a imagem, a idéia despertada no espírito do interlocutor e a *coisa significada*, o objeto externo de que se está tratando, em nosso caso, o nome *mesa*, constituem os elementos essenciais da *compreensão* intelectual. Em termos menos técnicos: *nome, sentido e coisa*".

Sendo a adequação uma das qualidades básicas do sinal, é claro que, especificamente no caso dos gentílicos, temos a considerar que o que está bem para Campina Grande não está bem para Campinas e vice-versa, a não ser que se adote o método confuso. Há uma regra da Lógica que estabelece que a *definição* deve servir adequadamente para a coisa definida e só para ela. Assim, não podemos definir os de Campinas como *campinenses*, porque este gentílico só cabe para a gente de Campina Grande. Quem nasce em Campinas é campineiro "Campineiro, sim! Com muita honra".